

COMUNIDADE SURDA ACADÊMICA: PRODUÇÃO ESCRITA POR SURDOS COM ASSESSORIA TEXTUAL DO TRADUTOR DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA

COMUNIDAD SORDA ACADÉMICA: PRODUCCIÓN ESCRITA POR PERSONAS SORDAS
CON ASISTENCIA TEXTUAL DEL TRADUCTOR DE LIBRAS Y LENGUA PORTUGUESA

ACADEMIC DEAF COMMUNITY: PRODUCTION WRITTEN BY DEAF PEOPLE WITH
TEXTUAL ASSISTANCE FROM THE LIBRAS AND PORTUGUESE TRANSLATOR

Marianne Rossi Stumpf*
Universidade Federal de Santa Catarina



Ronice de Müller Quadros**
Universidade Federal de Santa Catarina



RESUMO: Esse texto está contextualizado na área de política e planejamento linguístico, considerando situações relatadas por pesquisadores surdos quanto à Língua Portuguesa escrita no contexto acadêmico. Reflete-se sobre ações que possam garantir o acesso a direitos linguísticos que viabilizem a presença de surdos sinalizantes na academia. Contexto no qual se considera a oferta institucionalizada do serviço de assessoria textual realizada por profissionais bilíngues que atuam como tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa; um novo campo de atuação desses profissionais formados em Letras Libras, bacharelado. Compreende-se que o planejamento de uma política linguística que garanta esse serviço institucionalizado contribua para um reposicionamento estratégico do papel do pesquisador surdo nas produções técnico-científica nos vários campos de ação que compõem a produção no Ensino Superior.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisador surdo. Libras. Assessoria textual. Política e planejamento linguístico.

RESUMEN: Este texto se contextualiza en el área de política y planificación lingüística, considerando situaciones relatadas por investigadores sordos sobre la lengua portuguesa escrita en el contexto académico. Reflexiona sobre acciones que pueden garantizar el acceso a derechos lingüísticos que posibiliten la presencia de sordos signantes en la academia. Contexto en que se considera la oferta institucionalizada del servicio de asistencia textual, realizada por profesionales bilingües que actúan como traductores e intérpretes de Libras y Portugués; un nuevo campo de acción para estos profesionales graduados en Libras, licenciatura. Es comprensible que la planificación de una política lingüística que garantice este servicio institucionalizado contribuya a un

* Professora do Departamento de Libras (DSLB/CCE/UFSC) e CNPq. E-mail: marianne.stumpf@ufsc.br.

** Professora do Departamento de Libras (DSLB/CCE/UFSC) e CNPq. E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

repositionamiento estratégico del papel del investigador sordo en las producciones técnico-científicas en los diversos campos de acción que componen la producción en la Educación Superior.

PALABRAS CLAVE: Investigador sordo, Libras, Asistencia textual, Política y planificación lingüística

ABSTRACT: This text is contextualized in the area of language policy and planning, considering situations reported by deaf researchers regarding the written Portuguese language in the academic context. It reflects on actions that can guarantee access to linguistic rights that enable the presence of deaf signers in the academy. Context in which the institutionalized offer of the textual assistance service is considered, carried out by bilingual professionals who act as translators and interpreters of Libras and Portuguese; a new field of action for these professionals graduated in Libras, bachelor's degree. It is understandable that the planning of a linguistic policy that guarantees this institutionalized service contributes to a strategic repositioning of the role of the deaf researcher in technical-scientific productions in the various fields of action that make up production in Higher Education.

KEY-WORDS: Deaf researcher. Libras. Textual assistance. Language policy and planning.

1 INTRODUÇÃO: A IMPORTÂNCIA DOS PESQUISADORES SURDOS NOS ESTUDOS DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Marie Copolla (2022), professora e pesquisadora da Universidade de Connecticut, introduz sua conferência no *14th Theoretical Issues of Sign Language Research*, no Japão, afirmando que a maioria dos surdos no mundo são "sinalizantes caseiros". Mas o que significa ser "sinalizantes caseiros"? O fenômeno ocorre quando os surdos crescem em ambientes, familiares e escolares, nos quais uma língua de sinais não está disponível e, por isso, acabam criando uma língua. As línguas de sinais "caseiras" são exemplos de como uma língua emerge a partir da necessidade humana de se comunicar. A conferencista Copolla prossegue em sua apresentação afirmando, com base em seus estudos sobre tais línguas e suas evoluções enquanto sistemas linguísticos, que: "**As línguas de sinais são criadas e sofisticadas por surdos, não por seus familiares ouvintes**".

Com isso, introduzimos este artigo que trata das produções acadêmicas relacionadas com as línguas de sinais de pesquisadores surdos. Considerando a conclusão de Copolla, assim como os pesquisadores linguistas normalmente pesquisam suas línguas nativas, é também evidente que os surdos venham a pesquisar suas línguas de sinais. No entanto, a tradição nas pesquisas de línguas de sinais é de contar com pesquisadores ouvintes. Até pouco tempo atrás, tais pesquisadores nem sequer eram fluentes nas línguas de sinais pesquisadas. No Brasil, por outro lado, desde a criação dos cursos de Letras Libras, há uma mudança significativa nas lideranças acadêmicas que conduzem pesquisas com línguas de sinais. Os linguistas surdos passaram a representar os estudos de línguas de sinais e os ouvintes passaram a ser, ao menos, fluentes em Libras. O protagonismo dos pesquisadores surdos tem impactado nas pesquisas das línguas de sinais. O que os surdos querem pesquisar sobre sua língua nem sempre corresponde ao que era considerado prioridade nos estudos linguísticos de línguas de sinais, por exemplo. Além disso, observamos uma nova perspectiva nos estudos dessas línguas que partem dos *olhares surdos* sobre a língua que são captados de formas "surdas".

Neste artigo, vamos nos debruçar sobre os caminhos que vêm sendo trilhados por pesquisadores surdos. Em especial, sobre as produções surdas que são publicadas em Língua Portuguesa. Os surdos acadêmicos enfrentam desafios específicos para publicarem em português (e em inglês). Enquanto sujeitos que acessam tais línguas por outras vias, muitas vezes, tais autores relatarão dificuldades quanto a fluência do português (e do inglês). Ao longo de suas trajetórias, o português representou barreiras que foram transpostas de alguma forma. Aqui, introduzimos uma alternativa que se estabeleceu a partir de suas experiências acadêmicas. Constatamos que as produções em Língua Portuguesa se tornam possível, pois a grande maioria desses autores conta com assessorias textuais desenvolvidas por tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa. As práticas de produção textual por surdos acadêmicos tem contato com tal assessoria, estabelecendo esse novo campo de atuação profissional que viabiliza a socialização das *perspectivas surda* na língua escrita do país.

2 A LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA DOS PESQUISADORES SURDOS

Um ponto estratégico que tem recebido atenção dos pesquisadores surdos é a produção científica em português escrito. Desde a produção de suas dissertações e teses, há uma atenção dada aos desafios da escrita em Língua Portuguesa na experiência de acadêmicos surdos. Apesar de haver a possibilidade de produzir suas teses em Libras em alguns programas do país, a exemplo do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSC) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC)¹, os autores surdos reconhecem a importância das produções em português (e em inglês) no meio acadêmico. Diante disso, buscam caminhos para operacionalizar suas produções nessa língua. Entre elas, destaca-se o uso de assessores textuais bilíngues (Libras e Língua Portuguesa). Essa alternativa, no entanto, impõe alguns desafios, pois a escrita está sendo mediada por um terceiro. Isso implica, algumas vezes, no estabelecimento de uma parceria na autoria; mas nem sempre. Como resolver questões que envolvem a autoria do texto nesses contextos? Quais as dificuldades encontradas no processo de elaboração textual mediada pelo assessor textual bilíngue?

Na ocasião do 1º Seminário de Formação Acadêmica em Libras e Língua de sinais internacional para Doutores e Doutorandos Surdos (SEFALS), uma pesquisa pré-evento foi realizada com os participantes, pesquisadores surdos de diferentes regiões do país, quanto a diversas temáticas que atravessa as práticas investigativas e profissionais dos surdos na academia. Um formulário bilíngue (Libras/LP) online² foi desenvolvido e enviado aos pesquisadores surdos dentre as quais foi incluída a questão de produção acadêmica em português escrito. Baseadas na análise das respostas dos pesquisadores surdos, analisamos quais estratégias que usaram para a produção escrita em português.

Identificamos que todos consideram necessário que as instituições de Ensino Superior adotem políticas linguísticas que alinhem os objetivos de sua posição epistemológica e ideológica em favor da perspectiva surda para garantia da produção e a circulação dos conhecimentos científicos desses pesquisadores. Isso demanda um planejamento linguístico que leve a uma política institucional com posicionamentos bem definidos quanto ao português escrito dos pesquisadores surdos. Também temos nos deparado com a invisibilidade dos conhecimentos produzidos pelos pesquisadores surdos. A academia desconhece a necessidade dos professores surdos para fazer circular as suas produções acadêmicas, assim como a existência dos assessores textuais para traduzir/corrigir/revisar os trabalhos acadêmicos.

A função da assessoria textual bilíngue (Libras e Língua Portuguesa) tem sido desempenhada por profissionais tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa que realizam a leitura traduzida de textos em português para a Libras; leitura comentada em Libras de textos em português; revisão de textos escritos em português por surdos com registros visuais. Essa é uma função que ainda não é reconhecida, pois vem tomando forma conforme os surdos ocupam os espaços acadêmicos nas universidades brasileiras. No entanto, esse é um serviço que pode ser identificado informalmente praticado em diversos contextos nos quais surdos se veem impelidos a produzir em Língua Portuguesa escrita ao longo de suas formações.

As dificuldades estão no acesso às ferramentas que o surdo tem a sua disposição para trabalhar. O baixa ou nenhum acesso ao ensino eficiente de Língua Portuguesa e Inglês, dentro do contexto de leituras para pesquisa, aparece como uma dificuldade significativa. Tais habilidades de leitura e escrita exigem um esforço extraordinário por parte dos surdos; por consequência do histórico educacional de exclusão que não ensinou a ler e escrever o português enquanto segunda língua em uma segunda modalidade de forma devida.

Quando fazem os trabalhos em casa, a maior dificuldade é escrever direto do pensamento para o português, pois sempre falta, ou é difícil escolher a palavra que explicita a ideia. Algumas universidades têm aceitado duas versões escritas, uma do próprio surdo e

¹ Cf.: A tese em Libras de Machado (2019).

² Dispositivo coleta de dados elaborado pelos pesquisadores Marianne Stumpf e Ramon Linhares em virtude de investigações desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisas Avançadas em Estudos Surdos (GRUPES/UFSC). Destaca-se que os participantes poderiam responder em Língua Portuguesa escrita ou enviar vídeos em Libras.

outra reescrita pelo assessor textual. Uma produção com versões que podem ser comparadas, tanto para melhor aferir os significados, assim como para futuras análises em pesquisas linguísticas.

As produções acadêmicas de surdos são instrumentos importantes para a construção de um projeto de universidade que assume a responsabilidade de ampliar a função dos profissionais tradutores e intérpretes para garantir a acessibilidade aos pesquisadores surdos não só em Libras, mas também no português escrito. As experiências vividas dos pesquisadores surdos se assentam em questões de ordem política que demandam planejamento linguístico. A obtenção de dados na ocasião do SEFALS, permitiu identificar e mapear alguns resultados com relação aos anseios declarados pelos pesquisadores surdos.

Podemos observar, no contexto destas discussões, o crescimento do interesse das universidades públicas do Brasil por definir políticas linguísticas institucionais que promovam a acessibilidade linguística por parte dos seus professores e pesquisadores surdos, assim como de seus alunos surdos, por meio do reconhecimento profissional do assessor textual bilíngue, extrapolando o paradigma sobre o intérprete de Libras como aquele que media a Libras e a Língua Portuguesa na forma oral. Avançamos, portanto, no delineamento do perfil desse profissional e dos campos de atuação que envolvem a Libras e o português nas formas escritas, além das formas orais.

3 OS DEPOIMENTOS DOS DOUTORES E DOUTORANDOS SURDOS

Os dados analisados neste artigo incluem tópicos abordados em uma entrevista realizada com os participantes do I SEFALS, em 2022. Os participantes que responderam às questões abertas incluem 24 doutores, 33 doutorandos, 2 mestres e 3 mestrandos surdos que atuam como professores em universidades federais do país. São 55 servidores públicos federais e 6 contratados (CLT ou temporário). Dentre os quais, 90% são formados em pós-graduações de universidades federais, onde contaram com professores bilíngues proficientes em Libras e Língua Portuguesa e/ou com intérpretes de Libras/Língua Portuguesa.

Os participantes foram levados a refletir sobre seu cotidiano profissional, considerando suas atividades de ensino, pesquisa, extensão e administração. Os dados do formulário pré-evento foram coletivizados no decorrer dos cinco dias de encontros. Foi proposta uma interação para que se sentissem estimulados à livre narração, produzindo relatos em um misto de lembranças das histórias pessoais da vida de trabalho com reflexões mais gerais sobre produção acadêmica e sobre o movimento de suas transformações. Simultaneamente, procurou-se garantir que as questões estipuladas pelo roteiro prévio fossem todas abordadas considerando-se os objetivos das análises propostas. O ponto mais significativo foi sobre as questões levantadas quanto à rotina pessoal desses professores e as dificuldades encontradas nas práticas linguísticas que se estabelecem diariamente para viabilizar as condições de trabalho. O SEFALS foi, portanto, um espaço para que os próprios surdos discutam sobre tais dificuldades.

Os participantes foram questionados quanto a presença de profissionais intérpretes que atuam como assessores textuais em suas respectivas instituições. A exemplo, um dos participantes confirmou que utiliza os serviços de assessoria textual pelos tradutores de sua universidade. Em outro exemplo, outro participante respondeu que precisa de um assessor textual para função específica de revisar o seu português escrito.

As entrevistas apresentam reflexões e proposições de práticas linguísticas que viabilizem o protagonismo acadêmico desses surdos. O primeiro conjunto de relatos refere às dificuldades enfrentadas pelos professores surdos ao solicitar o serviço de assessoria textual aos tradutores e intérpretes de Libras e Língua Portuguesa na instituição. Selecionei dois recortes que representam os comentários que se repetem entre os participantes referente às demandas da assessoria textual.

Não, eu tentei conseguir um tradutor-intérprete Libras-Português, mas não tem uma parceria na instituição. Eles dizem que estão ocupados. Comecei o estudo de doutorado e foi difícil, mas foi se estruturando, tenho uma coordenadora fluente em Libras que me orienta e me ajuda. Estou praticando, mas foi um desafio enfrentado no meu trabalho para escrever português como segunda L2. Agora estou ainda aprendendo, lendo o texto de tese em andamento.

Quanto ao tradutor de Libras, o apoio é limitado, uma mistura de amizade e o problema de tempo curto. Não dá para pedir sempre. Outra dificuldade é a confiança. Também tem a dificuldade institucional, que é a agenda. Mas tenho um contato profissional que trabalha com normas ABNT e corrige o meu português.

Sim. TILS estão trabalhando dentro no departamento e a dificuldade é a disponibilidade de horário.

Não tenho apoio para ajuda na correção da escrita.

Eles apoiam português escrito algumas vezes, só em atividades da disciplina. Mas não me apoiam na revisão de artigos, projetos, documentos.

Esses comentários são recorrentes e evidenciam que praticamente todos os professores enfrentam dificuldades em contar com o serviço de acessibilidade demandado. A autonomia acadêmica desses professores parece estar condicionada a um esforço maior de sua parte para driblar a falta da assessoria textual na sua vida acadêmica. Também evidencia que as práticas profissionais dos tradutores e intérpretes não incluem tal demanda instaurada pelos próprios professores surdos. Isso levanta uma questão importante que está relacionada com as atividades desses profissionais dentro do espaço universitário. Os tradutores e intérpretes parecem estar realizando atividades que se restringem ao que eles mesmos acreditam ser importante para o cotidiano de suas atribuições, deixando de estabelecer um diálogo permanente com os professores surdos e os alunos surdos para refletirem sobre as práticas demandadas pelos próprios surdos. O serviço do tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa precisa estar atendendo às reais demandas dos próprios surdos, mas muitas vezes servem às atividades que os profissionais enquadram como sendo suas atividades. Como consequência, os professores surdos acabam buscando alternativas que impõem esforços que, muitas vezes, estão além de suas possibilidades, para garantir a sua inclusão na universidade.

Tenho um apoio textual que pago do meu próprio bolso, falta acessibilidade disponíveis de tradutores e intérpretes. [...] Tem várias maneiras, escrevo meu português, depois eu encaminho ao profissional para corrigir/revisar. Também faço vídeos em Libras para mandar ao tradutor.

[...] Quando quero tradução das minhas entrevistas em Libras. Eu pago do meu bolso.

[...] Sim, eu sempre chamo um intérprete para traduzir para português.

Um caminho para resolver isso seria contar com tradutores intérpretes de Libras e Língua Portuguesa que foquem nas demandas de assessoria textual bilíngue. Esses profissionais, então, receberiam os textos dos professores (e alunos) surdos redigidos na escrita do próprio surdo (uma escrita que pode apresentar características de um texto escrito por um redator de segunda língua e segunda modalidade) para fazer sugestões de formas escritas no português padrão. As sugestões de ajustes e alterações precisam ser devidamente indicadas para serem avaliadas pelos próprios surdos na redação final dos textos escritos. Esse processo constitui uma prática pedagógica, pois temos observado que impacta nas produções escritas dos surdos aperfeiçoando-as na medida do tempo.

Esses professores surdos contaram com uma educação básica que não ofereceu o ensino do português como segunda língua em uma segunda modalidade, ou seja, a Língua Portuguesa ensinada como segunda língua para surdos, considerando a diferença da modalidade das línguas. O português é uma língua oral-auditiva com uma representação gráfica na modalidade escrita. A Libras é uma língua visual-espacial. Assim, o ensino do português precisa acontecer considerando essas especificidades. No entanto, no Brasil, as escolas acabam ensinando português como língua materna para os surdos nos diferentes espaços escolares. Isso impacta na sua aquisição do português de forma significativa.

Diante disso, os surdos têm buscado formas alternativas de resolverem suas questões quando se torna necessária a produção escrita no português. O uso dessa segunda língua é frequente em muitos contextos, em especial nos espaços acadêmicos, se apresentando como necessária para as dinâmicas de funcionamento desses ambientes. Uma alternativa é escrever todo texto na própria escrita do surdo e depois o intérprete revisar e traduzir para entregar a versão final. Esses recursos são possíveis, mas ainda nos faltam os caminhos para concretizá-los.

Em muitas ocasiões os participantes comentaram sobre como desenvolveram estratégias de sobrevivência ao longo desses processos de produção escrita cotidiana que são extremamente valiosas. Na maioria delas o serviço de assessoria textual bilíngue foi indicado como proposta.

As contribuições dos acadêmicos surdos em línguas escritas são parte dos repositórios da cultura de toda a humanidade. Tornar acessível os serviços necessários para essa produção dos surdos demanda práticas consistentes e complexas. Trata-se de práticas que exigem estudos mais aprofundados e dedicação por parte dos alunos, professores, educadores e pesquisadores.

4 A AGENDA DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS QUANTO À FUNÇÃO DE ASSESSOR TEXTUAL BILÍNGUE

Há um processo histórico de legitimação do bilinguismo dos surdos que apresenta desdobramentos em todos os níveis educacionais, inclusive, no Ensino Superior. As lideranças surdas sempre estiveram envolvidas nesses processos de legitimação ao longo dos anos. Em 2017, foi elaborado um documento por um grupo de trabalho de surdos de referência que representam as comunidades surdas brasileiras. O texto foi intitulado *Direitos Humanos das Pessoas Surdas: pela equidade social, cultural e linguística*. Esse documento apresenta quatro propostas de intervenção em âmbito acadêmico, educacional, social e governamental. Na parte específica do âmbito acadêmico, foi destacado o que está previsto na convenção dos direitos humanos regulamentada pelo Decreto no 6.949/2009 (Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência), assim como a Lei 10.436/2002, o Decreto 5.626/2005 e o Plano Nacional de Educação, Lei 13.005/2014 que preveem questões relacionadas com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e os direitos linguísticos dos surdos:

b. Criação de cargos

- criação do cargo de assessor textual (Língua Portuguesa e Libras) para que faça assessoria textual na Língua Portuguesa para atender as demandas dos professores surdos em cada departamento no qual estejam integrados com a finalidade de assessorar na elaboração de projetos, relatórios, memorandos, artigos e outros trabalhos demandados pela universidade;
- criação do código de vaga para o revisor de textos bilíngues Libras/Língua Portuguesa.

Essa pauta compõe a agenda destacada como aperfeiçoamento e sofisticação das práticas linguísticas dos próprios surdos ao longo da sua própria formação. Mostrou-se recorrente nos dados extraídos pelo formulário que a falta desse profissional nos espaços acadêmicos acaba onerando os próprios professores e alunos surdos que são responsabilizados por buscarem os profissionais que lhe prestem os serviços de assessoria textual. No contexto das universidades, a inclusão de alunos e profissionais surdos está prejudicada por não garantir o acesso aos serviços que atendam a essa demanda. Os contextos ao qual nos referimos têm o funcionamento instituído na Língua Portuguesa em sua modalidade oral e escrita, tornando necessária a presença de tradutores e intérpretes que também atuem na revisão de textos, na qualidade de assessores textuais bilíngues. As pesquisas conduzidas pelos surdos são fundamentais, especialmente nas questões que envolvem a sua língua de sinais, pois se posicionam como protagonistas das questões que implicam sua própria língua. Para a inserção acadêmica, ainda nos deparamos com a complexidade das pesquisas acadêmicas que requerem produções que possam ser traduzidas para a Língua Portuguesa e, até mesmo para o Inglês, de forma apropriada para serem devidamente socializadas entre outros pesquisadores e demais pessoas interessadas, além dos próprios surdos que podem também contar com produções na própria Libras. Desse modo, os espaços públicos precisam viabilizar a acessibilidade aos surdos a partir do estabelecimento de espaços e práticas linguísticas bilíngues por meio de profissionais bilíngues.

A lei brasileira de inclusão (Lei n.º 13.146/15), elaborada em diálogo com a sociedade civil em um processo de construção coletiva, tendo como base a Convenção da ONU sobre Direitos da Pessoa com Deficiência, aponta que “§ 3º Os serviços de habilitação profissional, de reabilitação profissional e de educação profissional devem ser dotados de recursos necessários para atender a toda pessoa com deficiência, independentemente de sua característica específica, a fim de que ela possa ser capacitada para trabalho que lhe seja adequado e ter perspectivas de obtê-lo, de conservá-lo e de nele progredir.” (LBI, 2015, p.41).

Entre os acadêmicos surdos, a questão da carreira de pesquisador surdo é debatida com alguma constância e, entre os aspectos discutidos, a proposta de se assegurar a assessoria textual bilíngue para circular os conhecimentos dos surdos é apontada como indispensável.

A dificuldade que os surdos têm de acessar as línguas orais, seja pela leitura ou pela escrita, é uma das maiores barreiras que os impedem de consumir e de produzir conhecimento. O repensar de uma nova educação para surdos, comprometida com as perspectivas apontadas pelos Estudos Surdos, pela Linguística, e com o uso das novas tecnologias aplicadas à educação, exigem, nesse sentido, a adoção de mudanças de base. Os surdos precisam contar com uma educação bilíngue efetiva que garanta o acesso às línguas do seu país, no caso brasileiro, a Libras e a Língua Portuguesa. Além disso, precisam ter acesso aos profissionais que garantam a sua acessibilidade, ou seja, professores bilíngues, tradutores e intérpretes, entre os quais será abarcada a função de assessor textual bilíngue.

5 FORMAÇÃO DE MESTRES E DOUTORES SURDOS – SURDOS PROTAGONISTAS

Por que ainda se mostra importante se engajar em projetos de formação de mestres e doutores surdos? Pois se comprehende que os membros surdos das diferentes comunidades brasileiras precisam estar munidos de conhecimentos teóricos, estruturais e funcionais; tornando-se protagonistas dos saberes que são relativos às suas próprias questões, entre elas a sua língua. Compreende-se que a formação de pesquisadores surdos proporciona a eles a familiaridade com questões cruciais para o desenvolvimento de ações que possam ser úteis na reflexão e aprimoramento sobre as experiências surdas, os Estudos Surdos, as línguas de sinais, a Educação de Surdos.

Há ainda o impacto da presença de pessoas surdas no funcionamento e nos modos de pensar e produzir conhecimento nos sistemas das pós-graduações. Os surdos que participaram desses processos no Brasil, quando protagonistas, desenharamativamente a reconstrução e implementação de novas mudanças de paradigmas e acontecimentos. Oportunizaram a emergência de produções ímpares visando discutir e promover propostas que efetivam as novidades de um discurso próprio dos surdos protagonistas ao reverem problemas de ordem cultural e linguística a partir da perspectiva dos surdos (Monteiro, 2015).

As diferentes instâncias de circulação das pessoas surdas na sociedade, bem como as lógicas de circulação e consumo tendo por base a perspectiva, a experiência visual e as vivências dos próprios surdos são fundamentais nas produções acadêmicas encabeçadas pelos próprios surdos. É igualmente significativa a presença de estudantes surdos em mestrados e doutorados em cada uma das diversas universidades brasileiras, evidenciando-se a vontade e a necessidade concreta e atual das comunidades surdas brasileiras em estabelecerem um diálogo mais próximo com a academia e formar os seus próprios pesquisadores. Esse crescimento decorre, em grande parte, das ações governamentais que propiciam o acesso, afirmam e fazem ativa manutenção da permanência desses sujeitos por meio de políticas afirmativas de acesso e fomento de produção científica.

São várias pesquisas produzidas por surdos brasileiros que apontam, tanto em suas próprias pesquisas, assim como em demais ações, a necessidade de se construir uma pausa para reflexão de abordagens equivocadas sobre assuntos relacionados à Libras na educação ofertada aos surdos. Principalmente no que diz respeito à noção, constantemente reafirmada pelo projeto da escola inclusiva, que afirma não ser crucial defender e garantir o uso de Libras nos processos educativos onde se inserem os estudantes surdos (Fernandes; Moreira, 2014).

A formação dos surdos e circulação de seus saberes e suas produções viabiliza a expressão intelectual surda de um tempo de grandes mudanças no país. Emergem como uma possibilidade de empoderamento de suas antigas e novas lideranças, dos sábios, dos estudiosos surdos desprestigiados que agora que se destacam, tanto no seio de seus grupos sociais, como na interação em espaços com pessoas ouvintes. Um raio de ação, que extrapola o exercício de uma condição social ou estritamente profissional, pelo que seguem ativamente dizendo que hoje propõem interpretações e significados a respeito de posições ou alinhamentos ideológicos em resposta às suas insatisfações na ausência de uma abordagem cultural na construção de educação de surdos mais efetiva. O reconhecimento das contribuições que a atuação desses surdos protagonistas se dá a partir da formação, permitindo expandir a maneira como a própria sociedade brasileira imaginava saber sobre os surdos, a partir do que os próprios surdos inovam em suas produções acadêmica em projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Em geral, os intelectuais aos quais nos referimos, os 74 doutores surdos, são professores da universidade pública à frente do ensino de Libras, além de também ministrarem outras disciplinas no curso de Letras Libras. Se revelam profissionais extremamente relevantes na luta pelo reconhecimento, pela autodeterminação, pelo direito ao convívio e relação ética e saudável com relações com outros pesquisadores, pela afirmação de seus valores, seus conhecimentos, assim como por seus direitos políticos e sociais. São intelectuais que têm compromisso com seu povo surdo e com as lutas pela qualidade de vida da pessoa surda. No entanto, diferente da maioria dos intelectuais que têm também uma trajetória acadêmica, os intelectuais surdos, são em primeiro lugar, formados pela Libras como expressão espontânea (oralidade), e que mantém a cultura surda como herança das comunidades surdas no âmbito acadêmico. Obviamente há produção acadêmica em português escrito como língua segunda. No nível intelectual, formação acadêmica, se apropriam da escrita e das metodologias consagradas no meio acadêmico, mas em primeiro lugar são formados na expressão em Libras (oralidade) e na perspectiva da tradição de sua comunidade surda, atuando como protagonistas e mediadores entre dois mundos de saberes: o surdo e o ouvinte.

Os diálogos são estabelecidos entre professores, estudantes e lideranças surdas, intelectuais surdos que formam e informam sobre processos próprios de aprendizagem, formação da pessoa surda e a relação com a escola. Esses surdos contribuem para expressar o pensamento sobre as experiências visuais nos processos de aprendizagem proporcionado pela presença da pessoa surda na universidade, nos cursos de graduação que acompanha na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bem como no âmbito investigativo, orientando estudantes surdos que fazem mestrado e doutorado em programas de pós-graduação, participando de bancas cujo protagonismo das pesquisas é de estudantes surdos. Os próprios surdos insistem em nos mostrar suas concepções de conhecimento: a educação de surdos tem o seu sistema de funcionamento para efetivar seu processo educativo, não é algo à parte, está tudo junto, ainda que de modo diferente. Acompanhando a educação bilíngue de surdos em seus territórios, se observa que é cada vez mais presente o diálogo com os saberes surdos. Percebe-se que muitos intelectuais surdos ocupam cada vez mais lugares podendo expressar seus pensamentos, pesquisas e experiências diretamente em Libras. São pessoas que somam forças pela realização de um bom trabalho, se estabelecendo pelas conquistas sem se esquecer que ainda se tem muito o que mudar.

Os estudantes surdos começam a consumir novos conhecimentos em espaços acadêmicos surdos como o construído pelas políticas linguísticas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), assim como de outras universidades espalhadas no país. Esses surdos retornam para suas regiões ao fim do curso para seguirem um caminho onde irão empoderar diversos outros surdos; ou seja, para influenciarem na realização e mudanças em diferentes instituições, se espalhando por todo o país.

Destaca-se, desse modo, que esse processo em rede é resultado, sobretudo, dos movimentos surdos como um espaço de afirmação que se estabelecem nas universidades, na perspectiva de um possível empoderamento de mais e mais cidadãos surdos. O interesse por cursos da área de Estudos da Tradução e/ou Interpretação, da Linguística e da Educação se destacam entre as escolhas desses sujeitos pelo que se apresentam como áreas que dialogam diretamente com as políticas surdas e epistemológicas da comunidade. A proposta de formar professores e pesquisadores surdos se desenvolveu como modo de implementação dessa nova educação de surdos tão desejada. Um processo que encontravam, num conjunto de experiências em andamento, a confirmação de que se tratava de algo possível.

Tais experiências também forneciam modelos práticos de como essa formação poderia ocorrer à medida que fosse incorporada na agenda das políticas públicas. Um processo vinculado ao movimento surdo, seja nas associações regionais de surdos ou na própria Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), tendo esses surdos protagonistas como parceiros na valorização dos saberes surdos, com fortalecimento do uso da Libras. Cada um desses professores e pesquisadores se articulou ao seu modo, tornando-se protagonista para adaptar programas para formar agentes comunitários que trabalhassem voltados às realidades locais de suas comunidades surdas.

6 VÁRIAS EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS PELOS PESQUISADORES SURDOS

As formas de comunicação dos surdos e dos ouvintes são muito diferentes, no entanto, o perfil de pesquisador não difere muito entre uns e outros. Para que eles tenham sucesso, devem ter interesse pela atividade de pesquisa e precisam estar focados num determinado assunto. Refletir e analisar, levantar perguntas, construir hipóteses, procurar respostas na observação da realidade e ter honestidade intelectual são verbos de quaisquer pesquisadores engajados na vida acadêmica.

Para selecionar pesquisadores surdos nas universidades nos diferentes níveis de formação faz-se necessário encontrar formas de avaliar suas qualificações, não os discriminando pela escrita do português. Temos como constante que o português não pode ser fator de exclusão dos surdos. Aceitar apresentações em Libras, seja presencial, seja em vídeos, é um recurso válido. Os vídeos em Libras têm limitações, algumas vezes os sinais não ficam bem claros. Então, entrevistas diretamente em Libras ou mediadas por intérpretes devem complementar o processo. O orientador da pesquisa precisa conhecer a cultura surda e as implicações da surdez. Deve estar comprometido com objetivos de incentivo aos surdos, considerando a pesquisa um fator importante de crescimento para aquele surdo e para sua comunidade. Aquele que não conhece e nem está disposto a conhecer as formas surdas de ser não deve orientá-los, pois é importante haver um envolvimento para dar oportunidade para o surdo crescer.

Quanto à participação nas aulas das disciplinas em grupo nos quais alunos surdos são incluídos em contexto no qual a maioria dos alunos são ouvintes, torna-se importante contar com intérpretes de Libras e português. Nesses contextos, há necessidade de dois intérpretes, um para interpretar e outro para dar apoio e para registrar por escrito aspectos abordados na aula, pois o aluno surdo sempre precisa prestar toda atenção no intérprete, não tendo tempo hábil para proceder com registros escritos. Os alunos surdos também têm o direito de filmar o intérprete para depois assistir os vídeos em Libras e poderem fazer suas próprias anotações com o tempo devido. O professor que tem um aluno surdo sempre deveria providenciar textos de apoio com os dados e informações complementares para que os surdos possam acessar tais informações pela via escrita.

Durante a interpretação, os conhecimentos do intérprete muitas vezes não são suficientes para interpretar bem, uma vez que o nível de pós-graduação requer conhecimentos mais aprofundados em uma área de estudos e o professor tem também grande conhecimento para passar. O intérprete que não tem formação suficiente para atuar nesse nível de ensino, nem conhecimento daquela área, muitas vezes encontra dificuldades de interpretar. Quando o surdo constrói o pensamento e se expressa na língua de sinais, também muitas vezes o intérprete não consegue interpretar se tiver pouco conhecimento dos conceitos teóricos sobre o assunto desenvolvido.

O professor também deveria se preocupar em facilitar os conteúdos para o intérprete, tirar as dúvidas que este possa ter. Os professores, muitas vezes, delegam para o intérprete a responsabilidade pela compreensão dos seus alunos surdos, mas isso precisa ser revisto. Os professores continuam sendo os responsáveis pelo ensino, mesmo para os surdos e, sendo assim, eles têm a responsabilidade de garantir que os intérpretes comprehendam os conteúdos que estão sendo interpretados para a Libras.

Nos momentos de intervalo, ou após a aula, os alunos ouvintes vão para o bar onde conversam sobre a aula. Surgem muito mais informações do que na sala de aula. Nesse caso, muitas vezes, os alunos surdos perdem a oportunidade de participarem desses momentos. Normalmente, os intérpretes não participam desses momentos informais de troca de conhecimento. O surdo fica

sozinho, vai embora para casa, e aí ele perde as informações. Impossível o intérprete estar sempre junto. Uma maior comunicação depende de uma maior integração do surdo que só vai acontecer com mais conhecimento da surdez e aceitação do surdo pela sociedade ouvinte. Então a sociedade toda precisa ser trabalhada para que se sinta responsável, capaz de cooperar para superar as limitações de seus semelhantes.

Geralmente o surdo fica muito cansado, por causa da excessiva atenção visual e, então, começa a ensinar sinais informalmente aos colegas também o alfabeto manual e outras formas de comunicação, para, assim, conseguir se relacionar com os colegas ouvintes. Estes sentem menos medo, e relaxando, acontece uma melhor comunicação pela leitura labial, pela escrita em papel, ou pelos sinais. O acesso a Língua Portuguesa escrita pelos surdos varia, mas sempre pode ser complementado por formas multimodais que permitem compreensão dos sentidos mediados entre os alunos. Por essa realidade histórica, que, por mais de um século, afastou o surdo das percepções e decisões sobre suas próprias vidas, esses espaços e experiências precisam ser pesquisados para se pensar em alternativas e formas que favoreçam a inclusão dos surdos.

São necessários recursos para o desenvolvimento de pesquisas envolvendo estas experiências de interação em diferentes espaços. No entanto, tais pesquisas passam a ser ainda mais relevantes quando envolvem os próprios surdos que trazem as suas experiências visuais e práticas linguísticas vividas no seu cotidiano.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolher aspectos de uma longa história foi um grande desafio para nós, autoras, para compartilhar aspectos que envolvem os surdos da academia. Essas escolhas que fizemos aqui foram motivadas pelas nossas vivências e olhares desde em 2002, quando começamos a planejar e implantar políticas afirmativas na UFSC para formar professores e pesquisadores surdos. Continuamos abrindo os novos rumos de pesquisa e circulação de produções de novos de conhecimento que envolvem perspectivas surdas. Uma rede que teve início em uma instituição específica, mas que criou redes espalhadas em todo o país, fortalecendo as ações de forma mais abrangente e sólida.

Neste trabalho, identificamos a necessidade de ir além na construção de políticas e planejamento linguístico para a promoção do conhecimento intelectual dos pesquisadores surdos. Por esta razão, fica evidente a necessidade de futuros estudos, nos quais se possa mapear os números das publicações dos pesquisadores surdos. Podemos definir políticas linguísticas voltadas ao processo de assessoria textual do acesso ao conhecimento científico próprio do surdo. Assim, credita-se à produção de narrativas surdas a partir dos próprios protagonistas surdos, que criam ferramentas apropriadas e, entre elas, configura-se a assessoria textual. Esse caminho integra a realidade objetiva da prática do pesquisador surdo na carreira acadêmica, permitindo explorar um caminho que apresenta uma dimensão subjetiva do trabalho pesquisador surdo.

A possibilidade de instaurar uma prática coletiva, institucionalizada ou não, envolve o encontro que favorece a discussão das possibilidades de construir esses espaços que viabilizem as práticas acadêmicas surdas. Tais práticas partem das línguas de sinais e projetam alternativas que buscam não apenas a produção de reflexões, mas a consolidação de direitos linguísticos das pessoas surdas no Brasil que podem se apresentar também no português escrito e até mesmo no inglês escrito, especialmente no âmbito acadêmico. Sustentamos que a relação entre professores e pesquisadores surdos e ouvintes permite inovações consistentes sobre a epistemologia surda. Por meio de estratégias de negociação postas em práticas, atentas às relações de poder que podem estar implicadas, as produções podem ser impactadas com a presença efetiva da Libras, assim como de posturas afirmativas das identidades e culturas surdas. Um novo modo de produzir de forma institucionalizada por meio de dispositivos de funcionamento alternativos à escrita, para que se possa, então, garantir a equidade social. Uma formulação de sociedade que observa e constata a urgência de mudar direções e que garanta aos surdos exercerem sua cidadania de forma efetiva na sociedade brasileira.

O achado mais importante com que nós pesquisadores surdos concordamos é o de que a escola de surdos, que deve nos preparar também para a universidade e para a pesquisa, precisa mudar profundamente. Para concretizar essa mudança, que inicia com a quebra dos preconceitos estabelecidos, questionamos a formação dos professores que é atravessada pelo currículo e culmina no propósito dessa escola, nós, os surdos, assim como pesquisadores e educadores ouvintes, estamos tentando encontrar tais caminhos. Percebemos que o pesquisador surdo valoriza e reconhece que as competências e atribuições do tradutor intérprete de línguas de sinais são bastante complexas e que esse profissional ocupa um papel fundamental na inclusão e acessibilidade dos estudantes surdos no ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência), 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 30 nov. 2022.
- COPOLLA, M.. *How interacting minds make language: the creative forces behind homesign, sign language and all human communication*. Conference presented at Theroretical Issues in Sign Language Research 14, Japan. 2022.
- FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. *Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro*. Educar em Revista, Curitiba, v. 2, p. 51-69, 2014.
- MONEIRO, A. L. L. da C. P. *O acesso e a permanência do aluno surdo na pós-graduação: questões linguísticas e educacionais*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2015.
- REIRA, L. C.; FERNANDES, S. Acesso e permanência de estudantes surdos no ensino superior. palestra apresentada na “Mesa 02: Ingresso e Permanência dos Estudantes Surdos nas IES”, em I SIES: Trajetória do Estudante Surdo, 26 e 27 de maio de 2008, Londrina – PR. Disponível em: www.uel.br/eventos/seminariosurdez/pages/arquivos/palestra_mesa_02_01.pdf. Acesso em: 30 nov. 2022.
- PONTO DE VISTA: Revista de Educação e Processos Inclusivos. UFSC. Anual. Centro de Ciências da Educação. Florianópolis. 1999.
- RODRIGUES, C.; TOMITCH, L. M. B. et al. *Linguagem e cérebro humano*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (org.). *A Invenção Da Surdez*. EDUNISC. Sta. Cruz do Sul. 2004.



Recebido em 25/05/2023. Aceito em 01/01/2024.